

# A reconfiguração do zine “Parei de Pensar”: do periódico à arte urbana

Giovana Luersen Chaves

Resumo: Este artigo aborda a produção artística de um conjunto de cinco edições do fanzine *Parei de Pensar* e seu deslocamento do formato de publicação para linguagem do lambe-lambe presente na arte urbana. A aplicação dos fanzines/lambes foi realizada no Centro de Curitiba e propõe uma série de conexões que compreendem o zine como plataforma de procedimentos artísticos. Ao mesmo tempo, a relação entre texto e imagem e o processo de ressignificação entre o indivíduo e a cidade sugerem questionamentos quanto à arte produzida no espaço público.

Palavras-chave: zine; arte urbana; lambe-lambe; espaço público

## A reconfiguration of zine “Parei de Pensar”: from the periodic to urban art

Abstract: This article discusses the artistic production of a set of five fanzine issues of *Parei de Pensar* and its shift from the publication format to wheat-paste poster used in urban art. The applying of fanzines / wheat paste posters was held in downtown Curitiba and it proposes a series of

---

Giovana Luersen Chaves é pós-graduada em Poéticas Visuais pela Universidade Estadual do Paraná, campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná, graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, graduanda em Letras – Português e Inglês pela FAE Centro Universitário.

connections that comprise the fanzine as a platform for artistic procedures. At the same time, the relationship between text and image, and the reframing process between the individual and the city suggest questions about art produced in the public space.

Keywords: zine; urban art; wheat paste posters; public space

## Introdução

Este artigo parte da desconstrução do zine *Parei de Pensar* como publicação e sua reconfiguração e expansão para a linguagem da arte urbana, mais especificamente o lambe-lambe. Guimarães (2005, p. 11) comenta que os zines podem conter uma construção constituída por experimentações visuais e textuais. “(...) são fanzines publicações que trazem poesias, colagens, experimentações gráficas”. Ou seja, o deslocamento que proponho é de seu caráter essencialmente de publicação. Entretanto, parte-se do princípio de que as características visuais que o compõem como colagem, apropriação de imagens, texto-montagem e fotocópia – parte essencial da finalização do modelo estético encontrado nos zines – se mantêm íntegras mesmo com a condução para outra linguagem.

A criação do zine *Parei de Pensar* teve início em 2012 com a primeira edição, que trazia textos informativos, como *reviews* de álbuns musicais e críticas sobre produções cinematográficas, e textos reflexivos sobre temas variados. Contudo, já na segunda edição, o texto começou a dividir espaço com colagens e recortes. Até que, na terceira edição, passei a pesquisar técnicas e experimentações grá-

ficas. Em meio a inúmeras possibilidades visuais, encontrei o “cut up”, presente na obra de autores como o escritor *beat* William Burroughs, e que transforma o texto em pequenos fragmentos que são descobertos ao longo das páginas – sem ordem definida – além de priorizar o pensamento estético. Pesquisando mais a fundo, descobri que esse tipo de experimentação já existia bem antes da geração *beat*, em movimentos como o dadaísmo e o surrealismo.

Conforme fui trocando zines com outros zineiros – nome que se dá a editores de fanzines – de outros estados e distribuindo o *Parei de Pensar*, pude notar que o que realmente me interessava era a construção de cada página da publicação. Ou seja, logo que o leitor vira a folha encontra uma “pequena obra” que configura um determinado pensamento que não precisa necessariamente ter conexão com o anterior ou o próximo. Sobre os materiais utilizados, eles são escolhidos aleatoriamente. Há desde selos de correspondências que recebi até recortes de jornais, textos escritos a mão, pigmentos e fotografias. O único material fixo é a folha sulfite para xerox, completando a estética final.

O deslocamento do formato publicação para arte urbana propõe novas redes de comunicação. A rua torna-se o espaço para arte ou a cidade é a própria obra de arte? Questionamentos como esse geraram a necessidade de adaptação da produção. Dessa maneira, a série de cinco edições – entre abril e agosto – do *Parei de Pensar* teve seus processos elaborados a partir de outra linguagem, a do lambe, gerando alterações estéticas.

## ○ zine e seus desdobramentos

A necessidade de expressar e divulgar ideias fora da delimitação gerada pela mídia tradicional com seus grandes veículos de comunicação é o principal impulso que alavancou a produção dos zines. Para Lourenço (2006, p. 6), a definição mais próxima é a de “uma produção gráfica que se aproxima do jornal ou revista, composta por elementos como impressão, edição e produção de conteúdo autoral ou não”, porém sem fins lucrativos e grandes tiragens.

Essas informações são preparadas através de recortes, desenhos e diagramação manual, sendo o zine posteriormente fotocopiado e distribuído via correspondência ou passado de “mão em mão” a audiências com interesses específicos. Ou seja, a construção conta com a experimentação de possibilidades tanto gráficas quanto textuais devido à liberdade de optar por inúmeras técnicas e assuntos. Seu mecanismo de criação e circulação ainda propõe uma visão semi-ótica onde a mensagem necessita de uma leitura atenta aos vários signos, nem sempre claramente conexos.

As primeiras publicações consideradas fanzines nasceram na década de 30 nos Estados Unidos, criadas por fãs de ficção científica. Entre elas está o *The Comet* tido na época como subliteratura. No Brasil o zine teve seu início na década de 60 com Edson Rontani através do *Boletim Ficção*, impresso em mimeógrafo e dedicado às histórias em quadrinhos, que pretendia ser uma forma de manter contato com outros fãs deste meio literário trazendo textos informativos e relacionados às publicações.

## O zine e a arte urbana

O deslocamento do zine como publicação para arte urbana, através do lambe-lambe, sugere, a meu ver, as relações entre a arte e as redes de comunicação que se formam no espaço público. Dessa maneira, é preciso investigar este lugar de representações simbólicas de diversas ordens: sociais, históricas, políticas, artísticas. Barreto Vianna (2002, p. 34) aponta a arte no espaço público para além da construção estética: “O caráter discursivo reflete uma arte que se pretende pública, além de suas qualidades formais ou técnicas. (...) E afirma assim, seu papel instrumental para a veiculação de discursos distintos”.

Pallamin (2000, p. 13) complementa conceituando a arte urbana como um meio para a disseminação de discursos variados que caracterizam um organismo social: “A arte urbana é enfocada enquanto um modo de construção social dos espaços públicos, uma via de produção simbólica da cidade, expondo e mediando suas conflitantes relações sociais”. Ao mesmo tempo, a arte produzida no ambiente público também assume um perfil essencialmente “em construção”, já que as produções aplicadas neste espaço acompanham o movimento cotidiano da cidade constantemente em transformação.

[As situações urbanas] mostram-se a partir de seus perfis, o que nos impede de ousar estabelecer-lhes um sentido último e definitivo. Este está sempre sendo feito, em movimento de maturação constante. Nesta feitura material e simbólica de que se caracteriza o urbano, a dimensão artística participa como

constituente, havendo entre ambas uma sintonia processual (PALLAMIN, 2000, p. 15).

Pensando a partir da significação do objeto artístico, é possível observar que o seu processo de significação se constitui também pela recepção do coletivo. Coletivo este formado no espaço público. Dessa maneira, o pedestre ao caminhar constrói possibilidades de apreciação e assim recepção quanto o objeto artístico e o espaço urbano. Pallamin coloca que

Os significados da arte urbana desdobram-se nos múltiplos papéis por ela exercidos, cujos valores são tecidos na sua relação com o público, nos seus modos de apropriação pela coletividade. Há uma construção temporal de seu sentido, afirmando-se ou infirmando-se. Assim, tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações (PALLAMIN, 2000, p. 19).

Por meio da experiência prática com a aplicação dos lambes para a construção do processo artístico deste projeto, pude observar algumas questões complementares. O ato de entregar um zine em formato de publicação, e, em outro momento, apresentá-lo como uma colagem no espaço público, constituem dois meios de recepção distintos. Entretanto, é necessário frisar que, apesar desse deslocamento, o zine ainda mantém seu caráter underground, já que a arte urbana se encaixa em tal categoria.

Com o formato de publicação, o indivíduo se coloca naturalmente na posição de leitor. Ou seja, o zine impresso traz uma pré-leitura de que haverá ali um texto informativo com informações direcionadas a um determinado tema. Entretanto, o que percebo na posição de editora deste material é que o leitor sente dificuldade em ler os elementos ali colocados, já que não costumo produzir um conteúdo com textos lineares. São informações soltas. Quando as palavras surgem, elas adquirem uma função complementar à imagem. E vice-versa. Já na experiência com o lambe, minha percepção é de que o público assimila o zine com mais liberdade, alterando sua posição de leitor tanto para observador quanto para habitante da produção, já que ele também ocupa um lugar na cidade. Certeau (1984, p. 97) faz uma analogia que remete a essa questão de significações: “O ato de andar é para o sistema urbano o que o ato da fala é para a linguagem”. Ou seja, conforme este observador transita pelo ambiente público, ele estabelece inúmeras possibilidades de conexão com o lambe, justamente por se tratar também da cidade como obra de arte.

A territorialidade é outra questão importante que envolve a produção de arte pública, já que pode ser associada a práticas de apropriação e ressignificação do ambiente. Por exemplo, os significados de uma avenida no centro da cidade podem se alterar em decorrência das ações que sobre ela se exercem. De acordo com Pallamin (2000, p. 30 apud RONCAYOLO, 1990, p. 182) o conceito de territorialidade se apresenta como “modos de inscrição em determinados espaços, requalificando-os como regiões de apropriação”; ainda segundo este autor, “A concepção de territorialidade está ligada a ordens de subjetivação em relação ao espaço, envolvendo condutas, represen-

tações e sentimentos de pertencimento expressos individual e coletivamente”. A arte pode, assim, assumir a qualidade de ressignificadora do ambiente. Pallamin (2000, p. 47) coloca ainda que “(...) a abordagem da cidade como forma social ao invés de objeto físico (não como infraestrutura externa aos ‘usuários’, mas produzida por eles) encara a arte urbana como um certo empenho na requalificação do seu cotidiano”.

Trazendo essas questões para a produção prática do trabalho, é possível localizar algumas conexões. Uma delas se refere à escolha do local onde a produção de lambes do *Parei de Pensar* foi aplicada. Optei pela região central de Curitiba, Paraná, já que, durante seis anos, morei na Alameda Doutor Muricy, próxima à Praça Rui Barbosa. Logo, surgiu naturalmente a ideia de aplicar os lambes nesse recorte geográfico, justamente pela proximidade e a facilidade em observar o ambiente, suas características e funcionamento diário, além do local fazer parte de um contexto emocional, pessoal. A partir das primeiras experiências, concluí que seria necessário reconfigurar a estrutura do zine para a versão em lambe. Pareceu-me mais funcional produzir páginas limpas e com informações diretas, por exemplo, frases, indagações e montagens com poucos elementos. Pois o indivíduo que passa pelo lambe está de passagem, sem muito tempo para análises mais profundas. O uso da palavra atribuída à imagem, como título, se concentrou, então, não em uma subordinação da imagem à palavra, mas sim em questionar possíveis conexões entre elas no espaço público. Pallamin comenta que a arte traz a possibilidade de alterar significados concretizados nos elementos da cidade.



A feitura da arte pode desestabilizar significados concretizados nestes espaços. O uso propriamente não funcional que a arte promove nos espaços públicos é uma via de reconsideração de modos usuais com os quais estes se caracterizam ou se predefinem (PALLAMIN, 2000, p. 47).

Portanto, assim como o grafite, o lambe parece se inserir no espaço urbano como uma extensão dos discursos que transitam pelo cotidiano da cidade, se materializando em um dos segmentos presentes na produção artística que toma forma fora dos museus e modos tradicionais de exposição de arte.

## Parei de Pensar # 0 'CWBTI' - abril

A produção poética deste artigo se constitui por um conjunto de cinco edições de fanzine que foram coladas por meio do lambe-lambe em ruas no centro da cidade de Curitiba. Optei por produzir os zines a partir do número 0, com a ideia de um ponto inicial, sem conexão com as outras edições lançadas. Dessa maneira, tanto os lambes quanto os zines constituem uma leitura cronológica com cada edição trazendo um assunto que me gerou interesse no mês apresentado.

A primeira edição, intitulada *CWBTI!*, trata da migração haitiana que está acontecendo no Brasil, mais especificamente em Curitiba. O tema para este zine surgiu através de uma canção de minha autoria que leva o mesmo título e apresenta questões do cotidiano do imigrante. Assim, por meio de pesquisas, elegi os assuntos que mais me pareceram pertinentes a esse momento historicamente importante para a cidade. De acordo com o centro de migração da prefei-

tura, cerca de três mil haitianos vivem no bairro Botiatuvinha. Surge daí a primeira ideia que irá compor a edição 0. Em visita ao bairro e observando a grande quantidade de haitianos pelo centro da cidade pude confirmar essa “invasão” haitiana, o que gerou a impressão de um espaço geográfico em transformação, uma cidade em transformação. Inseri, então, questionamentos através da alteração de imagens que produzem significados geográficos e culturais. Na página “Todas as fuças que levantam o Estádio Joaquim Américo”, a ideia é pensar sobre a mão de obra haitiana: operários sem nome, todos iguais, parte de uma massa imigratória. Assim, coloco a imagem repetida do fundador do clube Atlético Paranaense, as nomeando com ícones da cultura francesa como Godard e Balzac, além de nomes comuns na França e no Haiti, como Pierre e Emanes.





Figura 1 - Parei de Pensar #0 CWBTI - Alameda Doutor Muricy, Centro, Curitiba - Paraná

## Parei de Pensar # I 'Visibilidade' - maio

As páginas dessa edição agrupam uma série de direcionamentos sobre o tema *visibilidade*. Primeiramente, o mote surge na intenção de identificar, entre eventos do dia a dia, situações no contexto social que se apresentem com a ideia do visível; do “em destaque”, às vezes até da exposição excessiva da vida privada. Em seguida, proponho trabalhar a palavra e seus antônimos e sinônimos inserindo novos significados. Assim, com a apropriação de outras definições sobre visibilidade, também insiro imagens que se conectam às frases, com

o objetivo de estabelecer uma relação de complementaridade entre esses dois signos no discurso de cada página.



Figura 2 - Parei de Pensar #1 Visibilidade - Avenida Visconde de Guarapuava, Curitiba, Paraná

## Parei de Pensar # 2 ‘Dos 24 pra lá’, junho

Essa edição me parece ser a mais melancólica, com questionamentos sobre a entrada na vida adulta. Com um caráter essencialmente intimista e ao mesmo tempo partilhando de sentimentos universais, *Dos 24 anos pra lá* traz, do ponto de vista narrativo, elementos de uma crise de identidade e a investigação da permanência e a efemeridade da passagem do tempo. Visualmente o zine é composto por apropriação de imagens publicitárias, colagem com notas fiscais, pensando na construção de identidade a partir do que se consome e se acumula.





Figura 3 - Parei de Pensar #2 Dos 24 pra **Iá** – **Rua Doutor Faivre, Centro**, Curitiba, Paraná

### Parei de Pensar #3 ‘Caderno de recados’ - julho

Com uma sequência de recados deixados no meu trabalho pelo meu chefe – um jornalista de 80 anos que utiliza máquina de escrever – a edição número 3 é uma seleção de pequenos textos que me pareceram interessantes do ponto de vista da construção da palavra. Assim, por mais que os recados sejam direcionados a mim, a totalidade da palavra e do discurso presente nessa edição se insere no contexto social por meio da arte urbana. Bakhtin coloca que “qualquer que seja a enunciação considerada, mesmo que não se trate de



uma informação factual (a comunicação, no sentido estrito), mas da expressão verbal de uma necessidade qualquer (...) é certo que ela, na sua totalidade, é socialmente dirigida”. O autor aponta ainda o processo de que

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (...) Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN, 1981, p.113).





Figura 4 - Parei de Pensar #3 Caderno de Recados - Rua Comendador Macedo, Centro, Curitiba, Paraná

## Parei de Pensar #4 'Recorte Musicais' - agosto

Aqui a ideia foi trabalhar com signos musicais. Através de recortes e reestruturação de partituras e métodos de música proponho a discussão da imagem, texto e estrutura musical por meio do lambe. O mote para o *Recortes Musicais* vem da minha ligação com produção musical, e surge daí a ideia de apresentar a linguagem musical – como a partitura – para o espectador que circula pelas ruas. Entretanto, com outra estrutura. As obras musicais deste “método”/zine são reconfiguradas por meio do recorte e colagem, onde a partitura reorganizada no espaço da página se transforma em uma imagem.





Figura 5 - Parei de Pensar #4 Recortes Musicais - Rua Treze de Maio, Centro, Curitiba, Paraná

## Centro de Curitiba: o processo no espaço público

Durante os seis anos que morei na Alameda Doutor Muricy, Centro de Curitiba, Paraná, ligações emocionais se construíram naturalmente, tanto que a escolha desses pontos foi conduzida por um viés emocional, comunicacional e geográfico. A princípio, confesso que pensei em aplicar os lambes em lugares de maior movimentação de pessoas, a fim de alcançar um número significativo de visualizações. Ideia esta que abandonei, afinal, o conteúdo que apresento nas edições me parece mais próximo de um caráter pessoal, circulando ainda em um universo intimista. Apesar de minha formação ser em Jornalismo, quando decidi cursar a especialização os conceitos de comunicação para grandes públicos ficaram em segundo plano, e resolvi deixar fluir um trabalho que priorizasse a investigação interna dos meus processos, em um contexto que se aproxima do psicológico. Portanto, as ruas escolhidas são as que costumo frequentar e onde eventos cotidianos se construíram durante o processo desse trabalho. São elas: Alameda Doutor Muricy, Avenida Visconde de Guarapuava, Rua Comendador Macedo, Rua Doutor Faivre e Rua Treze de Maio.

Já na construção prática do trabalho, considero importante destacar que foram utilizadas folhas de sulfite em tamanho A3 com duas páginas do zine dispostas horizontalmente. Assim, a folha apresenta páginas ampliadas a partir do xerox de cada edição do *Parei de Pensar*. Para a produção da cola, utilizei farinha, vinagre e água, o que garantiu um resultado duradouro, mesmo com as comuns variações

de tempo em Curitiba. Durante a aplicação optei pelo uso de um rolo de espuma de pintura, que foi essencial para a fixação do sulfite nas superfícies de concreto dos muros e postes e na madeira dos tapumes.

No início do processo, me concentrei em questionamentos quanto à visualidade do lambe em meio a outras linguagens como o grafite e o stencil. Afinal, como inserir o trabalho no espaço público em meio a tantos discursos dispostos, e ainda assim garantir o mínimo de visibilidade? Dessa maneira, optei, em um primeiro momento, por locais mais limpos, sem a presença de outros trabalhos. Entretanto, na segunda saída, decidi incluir na minha rota espaços compostos por outros trabalhos, por perceber ali um potencial visual mais amplo, como, por exemplo, na Rua Doutor Faivre, em um muro de cerca de 10 metros que é composto por uma série de grafites, mas que ainda tinha poucos lambe-lambes. Assim, conforme fui entendendo o funcionamento da prática da arte no espaço público, as aplicações ficaram mais fluidas, abrindo espaço para outras percepções. E mesmo com cada rua se apresentando com formas e características distintas, tanto em relação ao espectador quanto à construção urbana, produzir arte urbana me pareceu um processo que se constitui a todo instante por meio da experiência do cotidiano, ainda mais quando se vive naquele ambiente. O antropólogo Agier (2011, p. 38-39) observa que é dessa maneira que o “o próprio ser da cidade surge, então, não como um dado, mas como um processus, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de ‘fazer a cidade’”.

Após algumas semanas voltei aos locais onde o trabalho foi realizado, a fim de observar a reação do público. E nos cinco pontos um

dado se apresentou igual: a maioria das pessoas que observaram o lambe foram adolescentes e jovens adultos. O que parece, a meu ver, ter relação com linguagens *underground* – grafite, lambe-lambes, stencil, serigrafia – que integram o meio urbano e que são em sua maioria produzidas por este mesmo público jovem, justamente por se tratar de um segmento artístico recente que data do início da década de 1970 e que ainda possui um caráter marginal em comparação a outras linguagens artísticas.

## Conclusão

A condição de transeunte em que o público se configura em relação ao trabalho realizado na arte urbana foi um dos principais fios condutores da produção deste artigo e construção poética. Com o crescimento das cidades, o espaço público passou a se configurar como um lugar de passagem, onde o espectador das linguagens artísticas urbanas pede por informações diretas e objetivas. Por isso, é possível concluir que um dos pontos essenciais para reconfigurar o zine *Parei de Pensar* de publicação para o lambe foi repensar sua construção visual. O que antes era um conteúdo produzido com muitas informações, resultando em uma estética “suja”, passou a ser elaborado com foco direcionado a uma leitura mais limpa e direta, com o objetivo de obter maior funcionalidade no espaço público. O percurso de construção do trabalho também incluiu a ideia de estabelecer uma relação de complementaridade na utilização de signos, no caso a palavra e a imagem, a que pretendo dar continuidade e

aprofundamento em próximos trabalhos, ampliando a experiência no zine/lambe-lambe.

No que diz respeito às diferenças de recepção entre o lambe e o formato de publicação, pude concluir que o conteúdo que produzo – não-linear e experimental – talvez faça mais conexões com a construção estética das linguagens na arte urbana e as características do espectador desse segmento, em que a posição de observador e habitante da cidade é decisiva na leitura do trabalho. Conforme este transeunte circula pelo ambiente público, ele estabelece inúmeras possibilidades de conexão com o lambe, justamente por se tratar também da cidade como obra de arte.

Outro ponto importante é o processo de resignificação que se deu na minha relação com a cidade no cotidiano. Agora, ao observar com mais distanciamento, fica claro que meu olhar adquiriu o hábito de interpretar e decodificar as linguagens que encontro por onde passo. Os caminhos que antes eram somente lugares de passagem se transformaram em uma exposição composta por diversos procedimentos artísticos. É como se uma nova Curitiba se apresentasse com ruas repletas de mensagens e que até então passavam despercebidas. Portanto, fica evidente que o principal resultado está presente na experiência com o centro de Curitiba, onde foram construídas novas conexões entre os lambes que produzi e minha posição como habitante da cidade.

## Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011 [2009], 213 pp. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87775>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BAKHTIN, Mikahil. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARRETO VIANNA, Andreia de Resende. *Cidade e arte: uma rua de mão dupla*. 2002. 141f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3680/1/TESE%20FINAL%20-%20JUAN%20MARCELLO.pdf>>. Acesso em: 10.out.2018

CERTEAU, Michel. *The Practice of Everyday Life*. Trans. Steven Rendall. 4. ed. Berkeley: University of California Press, 1984.

GUIMARÃES, Edgard. *Fanzine*. 2. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

LOURENÇO, Denise. *Fanzine: Procedimentos Construtivos em Mídia Tática Impressa*. 2006. 171f. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4889>>. Acesso em: 02.out.2018

MAGALHÃES, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. 3. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

PALLAMIN, Vera M. *Arte Urbana: São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente*. São Paulo: Fapesp, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/137464/133136>>Acesso em: 12.out.2018.